

A ARTE AZULEJAR DE ATHOS BULÇÃO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DE BRASÍLIA/DF ¹

Vitor João Ramos Alves ²

Resumo: Apesar da efetivação do processo de tombamento das obras de Athos Bulcão, como patrimônio cultural de Brasília/DF, pelo Governo do Distrito Federal no ano de 2008, tal reconhecimento ainda não abrange a totalidade da Capital Federal. Este artigo, portanto, identifica e propõe a necessária construção de projetos de conscientização, interpretação e educação patrimonial sobre a arte azulejar de Athos Bulcão, envolvendo os moradores das regiões administrativas de Brasília/DF. Da mesma forma, considera-se necessária a atuação mais direta dos órgãos públicos e privados responsáveis pelo processo de tombamento para com a sociedade, a fim de promover um movimento de divulgação, preservação e valorização das obras do artista.

143

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Arte Azulejar de Athos Bulcão; Brasília/DF.

Abstract: Despite the completion of the process of listing the works of Athos Bulcão, as a cultural heritage of Brasília/DF, by the Government of the Federal District in 2008, this recognition does not yet cover the entire Federal Capital. This article, therefore, identifies and proposes the necessary construction of awareness raising, interpretation and heritage education projects on the art of tiles by Athos Bulcão, involving residents of the administrative regions of Brasília/DF. In the same way, considered necessary more direct actions of the public and private bodies responsible for the process of tipping over to society, in order to promote a movement of dissemination, preservation and valorization of the artist's works.

Keywords: Cultural heritage; Athos Bulcão's Art Tiles; Brasília/DF.

INTRODUÇÃO

¹ Artigo resultante do Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização Lato Sensu em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico – EEP-CA/UnB – do Programa de Pós-graduação em Arte – PPG-Arte/UnB –, da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Doutora Ana Lúcia de Abreu Gomes.

² Mestre em Turismo (2016), pelo Centro de Excelência em Turismo – CET/UnB – e pós-graduado em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico (2018), pelo do Programa de Pós-graduação em Arte – PPG-Arte/UnB – na Universidade de Brasília. E-mail: vitorjoaoramosalves@gmail.com

Recebido em 29/01/2020

Aprovado em 16/02/2020

Brasília/DF, hoje conhecida como cidade-patrimônio devido a seu conjunto urbanístico³, se destaca como cidade modernista, pelas obras de arte a céu aberto de vários artistas que contribuíram para sua construção, tais como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Athos Bulcão.

Nascido no Catete, Rio de Janeiro, em 2 de julho de 1918, Athos Bulcão foi pintor, escultor, desenhista e reconhecido como um dos artistas brasileiros que contribuiu para o embelezamento da “Nova Capital Federal” de Juscelino Kubitschek. A convite de Oscar Niemeyer, a partir de 1957, o artista deixou sua marca pela cidade com painéis em diversos edifícios, tais como: Brasília Palace Hotel, Igrejinha Nossa Senhora de Fátima, Parque da Cidade Sarah Kubitschek, Torre de TV, Teatro Nacional Cláudio Santoro, Universidade de Brasília (Instituto de Artes), Escola Classe 407 Norte, entre outros.

Seus trabalhos de pintura em azulejo são conhecidos mundialmente e, por esse reconhecimento, recebeu uma homenagem na cerimônia de abertura das Olimpíadas de 2016, quando os voluntários do grande evento formaram diferentes obras suas durante a contagem regressiva para início dos jogos.

Em 2018, o Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB – realizou uma exposição para celebrar o centenário de nascimento do artista. Exibida nas cidades de Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, a exposição teve como premissa ir além dos reconhecidos trabalhos em azulejaria portuguesa, para mostrar a grande diversidade da obra de Athos Bulcão, que engloba também pinturas, ilustrações, capas de discos, livros e revistas, além de cenários e figurinos para teatro.

No ano de 2009, sua biografia foi inserida como conteúdo obrigatório da disciplina de artes, conforme as Orientações Curriculares da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal para o Ensino Fundamental - Séries e Anos Iniciais. Em pesquisa de campo, também foi observado, a partir do Diário Oficial do Distrito Federal, que no dia 24 de novembro de 2009, foi publicado o Decreto Nº 31.067/09 que dispõe sobre o tombamento de 195 obras de Athos Bulcão na cidade de Brasília. Segundo o Decreto (2009), o Estado reconhece que o conjunto da obra do artista contribui decisivamente para marcar a identidade da paisagem

³ Refere-se ao Plano Piloto, tombado tanto pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – quanto pelo governo local – GDF –, e também inscrito pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO – como Patrimônio Mundial em 1987.

urbana de Brasília, considerando que a integração da arte à arquitetura é tida como única no gênero.

Em 2010 também foi publicado, pela Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – no Distrito Federal, o Inventário do Conjunto da Obra de Athos Bulcão em Brasília, sendo relançada uma nova atualização do inventário no ano de 2018.

Inspirado nesse embasamento inicial, construiu-se esse artigo com o objetivo de analisar em que medida os moradores das regiões administrativas de Brasília⁴ reconhecem a arte azulejar de Athos Bulcão como patrimônio cultural da cidade. Para tal, buscou-se identificar a importância das obras de pintura em azulejo do artista Athos Bulcão para a história da construção de Brasília e verificar em que medida os moradores das regiões administrativas de Brasília reconhecem a arte azulejar de Athos Bulcão como patrimônio cultural da cidade.

A pesquisa então tomou como hipótese a assertiva de que a maioria dos moradores das regiões administrativas de Brasília não reconhece a arte azulejar de Athos Bulcão como patrimônio cultural, tombada pelo Governo do Distrito Federal no ano de 2009, pelo Decreto Nº 31.067/09, tendo em vista ser uma temática de interesse apenas para moradores da região administrativa I: Plano Piloto e para arquitetos, artistas e estudantes, nacionais e internacionais, que residem e/ou visitam a Capital Federal, famosa pela sua moderna arquitetura.

A cidade vem se tornando um atrativo cada vez mais significativo para o turismo brasileiro, conforme apresentam os dados do Observatório do Turismo do Distrito Federal (2018), recolhidos no ano de 2013, os quais indicam que a categoria que mais motiva o turista, a visitar o destino Brasília durante a alta temporada, relaciona-se aos “negócios e eventos”, com 35,3%. Nesse mesmo período, apenas 4,4% dos turistas tem como motivo a “cultura” e 2,8% os “estudos”. Ao analisar a visita no período de baixa temporada, o maior número de turistas busca “visita a amigos e familiares”, com 31,1%. A “cultura” então chega a 1,6% e os “estudos” vão para 2,9%, o que embasa e justifica a pesquisa aqui apresentada.

Ao se pesquisar fatos que integrem à sociedade, como é o caso do patrimônio cultural e das artes, partiu-se de um método que possibilitasse a compreensão da realidade, respeitando,

⁴ Para essa pesquisa, considera-se Brasília como a capital federal brasileira, composta por 31 regiões administrativas (RA's), oficialmente constituídas como dependentes do Governo do Distrito Federal, com população de 3.015.268 de habitantes aproximadamente (IBGE, 2019).

ao mesmo tempo, o sujeito (relacionado e integrante às questões patrimoniais ou artísticas estudadas). Para tal, o pesquisador atentou-se na construção do próprio método e se policiou para prevalecer o respeito, a integridade e a lealdade científica. Assim, foi possível utilizar para o percurso de realização da pesquisa o método científico hipotético-dedutivo, relacionando-o a uma pesquisa de caráter exploratório, do tipo misto, ou seja, qualitativa e quantitativa.

1 – CONTEXTO BIOGRÁFICO DO ARTISTA ATHOS BULÇÃO

146

Muitas biografias já foram escritas a respeito da vida do artista Athos Bulcão, entretanto, toma-se como base para a construção desse item as referências de Farias (2008), Moretzsohn (1998) e Porto (2010), além de informações contidas no sítio eletrônico da Fundação Athos Bulcão (FUNDATHOS, 2018).

Nascido no Catete, na cidade do Rio de Janeiro, em 2 de julho de 1918, Athos Bulcão passou sua infância em uma casa ampla em Teresópolis/RJ. Perdeu a mãe, Maria Antonieta da Fonseca Bulcão, antes dos cinco anos e foi criado pelo pai, Fortunato Bulcão, com o irmão mais velho de 11 anos chamado Jayme Bulcão e suas irmãs adolescentes Mariazinha e Dalila, que substituíram a mãe no auxílio das tarefas domésticas.

Durante sua infância, passava muito tempo dentro de casa e, por ser muito tímido, se entretinha com as artes: música, teatro e pintura e suas irmãs o levavam frequentemente ao teatro, aos espetáculos de companhias estrangeiras e à ópera. Aos quatro anos, ouvia Enrico Caruso, tenor italiano considerado o maior intérprete da música erudita de todos os tempos. Ensaiaava desenhos sem, no entanto, chamar a atenção da família para tais dons.

Em uma entrevista dada para Moretzsohn, no ano de 1998, pelo Jornal de Brasília, o artista revela: “foi por causa das minhas irmãs que talvez eu tenha me habituado tão cedo à arte” (BULÇÃO *apud* MORETZSOHN, 1998, p. 133).

Amigo de alguns dos mais importantes arquitetos e artistas brasileiros modernos, os quais foram responsáveis por sua formação, Athos Bulcão foi convidado a embelezar cidades como Brasília e Belo Horizonte. Carlos Scliar, Jorge Amado, Pancetti, Enrico Bianco (que o apresentou a Burle Marx), Milton Dacosta, Vinicius de Moraes, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Ceschiatti, Manuel Bandeira entre outros, são nomes que merecem destaque pelo convívio no cotidiano do artista.

Aos 21 anos de idade, amigos lhe apresentaram a Cândido Portinari, com quem trabalhou como assistente no Mural de São Francisco de Assis na Pampulha (Belo Horizonte/MG) e aprendeu muitas lições importantes sobre a arte do desenho e das cores.

Conforme entrevista dada a Moretzsohn (1998), o artista também revela que antes de pintar, planejava as cores que usaria e acreditava fervorosamente na inspiração, no trabalho e na disciplina.

Eu acredito muito em disciplina, no vai lá e faz alguma coisa. Eu fico imaginando quanta coisa as pessoas poderiam fazer e não fazem. Não estou contra as novelas, mas é que está um pouco demais a dependência que as pessoas têm com as tramas das novelas (BULCÃO *apud* MORETZSOHN, 1998, p. 131).

147

A trajetória artística de Athos Bulcão é especialmente consagrada ao público em geral, relacionada sempre ao cotidiano da cidade de Brasília/DF. Segundo Moretzsohn (1998), o artista não se preocupava com o público que frequenta museus e galerias de arte, mas àquele que entra acidentalmente em contato com sua obra no cotidiano da vida, especificamente quando passa por ela para ir ao trabalho, à escola ou simplesmente quando em passeio pela cidade, como acontece com os moradores de Brasília ou Belo Horizonte.

Moretzsohn (1998) ainda apresenta que a formação como artista plástico de Athos Bulcão começou sem nenhuma relação com sua formação profissional. Enquanto estudante de medicina, acabou se familiarizando bastante com os desenhos de anatomia. Durante os estudos, teve que trabalhar e foi contratado pelo Ministério do Trabalho, onde se aproximou de artistas comediantes de vanguarda, que atuavam no ramo teatral.

Sobre o convite recebido de Oscar Niemeyer para atuar no embelezamento da cidade de Brasília, no período de sua construção, o próprio artista revela:

Eu desenhava na casa de Burle Marx, enfim, ajudava a esticar telas, fazer coisas assim, bem artesanais, para aprender a pintar em tela, seguindo a formação do pessoal do Portinari. Eu estava um dia fazendo uns desenhos a guache e o Oscar entrou lá para falar um assunto qualquer com o Roberto, e disse: “O que é isso?”. Eu respondi. E ele: “Ah, que coisa bonita. Vamos fazer um azulejo com isso”. Foi o Oscar que me orientou muito no começo, nestes problemas de visualidade, de espaço, distância. Isso eu aprendi com ele (BULCÃO *apud* MORETZSOHN, 1998, p. 134).

Merece destacar, sobre a participação do artista nesse período de embelezamento da cidade de Brasília, que os demais criadores (Oscar Niemeyer e Lucio Costa), nunca moraram

na cidade, entretanto, assim que Athos Bulcão recebeu o convite, se mudou para a capital e nunca mais saiu.

Athos Bulcão também teve experiência como professor do Instituto Central de Artes, na Universidade de Brasília (UnB), no período em que a universidade estava sendo criada pelo antropólogo Darcy Ribeiro, o educador Anísio Teixeira e o arquiteto Oscar Niemeyer, durante os anos 60. Conforme o próprio artista:

Foi no período em que a Universidade estava sendo criada, era de muito entusiasmo. Os alunos gostavam muito da convivência. Era uma coisa muito empolgante, vamos dizer assim, e foi interrompida abruptamente. Nós pedimos demissão em protesto. Nunca cheguei a ser preso, mas era francamente de esquerda. Só que nunca fui muito atuante politicamente. A fundação da Universidade foi uma segunda epopeia. Primeiro, foi a fundação da cidade, depois foi a implantação da reforma do ensino. Isto a gente viu desmoronar, depois de estar tão bem encaminhada (BULCÃO *apud* MORETZSOHN, 1998, p. 137).

Durante o período da ditadura militar, o artista viajou com Oscar Niemeyer, de 1971 a 1973, para fora do Brasil (Argélia e França) onde realizaram muitos estudos juntos. Período esse, após a finalização do relevo do Teatro Nacional de Brasília, que foi inaugurado em 1966. Sobre essa construção, pode-se destacar a fala do arquiteto e amigo pessoal de Athos Bulcão, João Filgueiras Lima, o conhecido Lelé: “como pensar o Teatro Nacional sem os relevos admiráveis que revestem as duas empenas do edifício, ou o espaço magnífico do salão do Itamaraty sem suas treliças coloridas? Difícil imaginar” (LIMA *apud* FARIAS, 2008, p. 120).

Assim, Cândido Portinari, Oscar Niemeyer, Roberto Burle Marx, Carlos Scliar Carybé Charles, entre outros artistas da época tornaram as principais referências e contribuintes da arte de Athos Bulcão. Durante a entrevista com Moretzsohn (1998, p. 136), o artista ainda chega a citar: “Picasso, Matisse, Morandi, Klee, James Ensor, Van Gogh, naturalmente, Cézanne”.

Suas obras então foram pensadas e efetivadas, exclusivamente, para o cotidiano da população e seu convívio com a arquitetura moderna da cidade. Carregam, em suas estruturas e formas, a consideração e respeito por esta cidade e seus habitantes.

Conforme informações da FundAthos (2018), o artista faleceu no dia 31 de julho de 2008, aos 90 anos, devido uma parada cardiorrespiratória.

2 – A ARTE DECORATIVA AZULEJAR DE ATHOS BULCÃO

Herkenhoff (1987), em sua fala na apresentação da exposição individual *Pinturas, Máscaras e Objetos*, realizada no espaço capital, em Brasília, e na Galeria Saramenha, na cidade do Rio de Janeiro, apresenta que para visualizar a obra de Athos Bulcão, requer que suas muitas faces sejam ouvidas, pois sua história revela um homem de sensibilidade.

Segundo o autor, os primeiros contatos do artista com as artes em azulejos ocorreram durante a guerra, por meio de Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szènes, que reuniram em torno de si um círculo de artistas, jornalistas, poetas, músicos, como Ruben Navarra, Cecília Meireles, Murilo Mendes, Arnaldo Estrela, Carlos Scliar e o próprio Athos Bulcão.

Pelo contato com Portinari, o artista Bulcão acompanhou a elaboração do painel em azulejos para o prédio do Ministério da Educação, que trata dos temas marinhos (azuis como na azulejaria colonial) em jogos de arabesco e ritmo. Assim, a sabedoria de Athos sobre essa arte é cultivada a partir desses dois marcos históricos.

Para Herkenhoff (1987, p. 143), “Athos compreende o azulejo como módulo, como elemento constitutivo de espaço arquitetônico, com sua área individual, com sua matéria própria, com sua luz e superfície, como regra e como jogo”.

Como já apresentado anteriormente, foi o arquiteto Oscar Niemeyer quem incentivou a participação de Athos Bulcão na arte em azulejos para Brasília, com intuito de contribuir para o embelezamento da capital federal. Athos então ganha a total liberdade em criar desenhos modulares em azulejos e entrega a composição dos painéis aos operários que afixam as peças criadas. Assim, apresenta Herkenhoff (1987):

O artista, liberta-se das regras do ritmo e do encaixe, ao libertar o operário das regras de combinação. Não há uma composição a recompor mecanicamente, como num quebra-cabeça. O corpo do operário é libertado da “alma” do artista (a composição) sob a perspectiva do Michael Foucault de *Vigiar e Punir*.
(...)

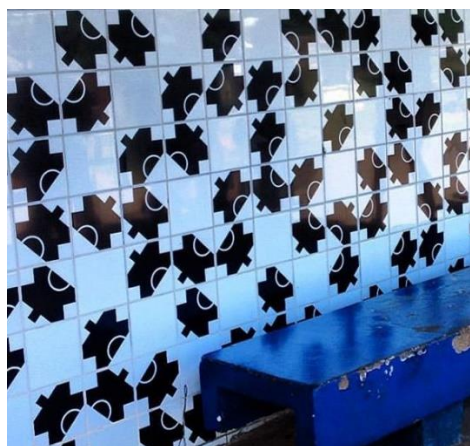
Seu emprego de azulejos é a profunda noção da história. Não é só o marco dos referenciais básicos do século XX em Vieira da Silva e no Portinari do Palácio da Cultura. Esses azulejos são o azul e branco, padrão básico do Brasil colonial. É uma tradição histórica, recomposta no presente, remetendo às fontes imediatas de Portugal e Holanda, mas que também se refere às raízes mais remotas de um Brasil que se inicia na China e no Islã. (HERKENHOFF, 1987, pp. 143-144).

Athos Bulcão, então, teve a oportunidade de inscrever sua arte em algumas das principais construções da moderna capital, relacionando-a com a arquitetura de Oscar Niemeyer.

A importância de suas obras para a cidade de Brasília se justifica, conforme Ofício Nº 107/2008, referente ao processo de solicitação do tombamento da obra de Athos Bulcão, (i) por considerar o artista o único dos personagens que residiu na cidade durante todo o seu tempo de contribuição para o embelezamento da cidade; (ii) que sua vasta obra de integração da arte à arquitetura é tida como única no gênero; (iii) que sua obra serve como parâmetro para o desenvolvimento de teses, dissertações e monografias de estudantes e professores de arquitetura de vários estados do Brasil; (iv) que o artista possui obras em diversos estados do Brasil e em vários outros países, onde sua arte é utilizada como referência; (v) que é importante para as gerações futuras a preservação das obras do artista, na cidade de Brasília, tratando-a como patrimônio cultural; (vi) que a maior concentração de obras de autoria de Athos Bulcão se encontra em Brasília; e (vii) que sua obra norteia e serve de identificação para o turismo da capital federal.

A partir desse posicionamento, considera-se que as obras de Athos Bulcão, localizadas em espaços de acessibilidade pública, estão intrinsecamente relacionadas à história de Brasília e à sua condição de Patrimônio Cultural da Humanidade. Nesse sentido, certamente, o artista deveria ser reconhecido pelos moradores de Brasília/DF como um dos principais da cidade. Mas será que os moradores das regiões administrativas, fora da RA I: Plano Piloto, sabem que é dele os azulejos que revestem as principais paredes dos pontos de descanso do Parque da Cidade (Figura 1) ou do prédio do Instituto de Artes da Universidade de Brasília (Figura 2), por exemplo? É o que essa pesquisa propõe responder.

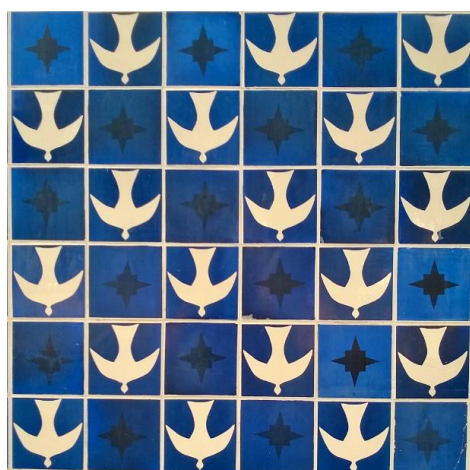
Figuras 1, 2, 3 e 4: Arte em azulejos de Athos Bulcão encontrada nas paradas do Parque da Cidade (1), no Instituto de Artes da Universidade de Brasília (2), na Igrejinha da 307/308 Sul (3) e na lateral do edifício da Fiocruz Brasília (4).



(1)



(2)



(3)



(4)

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Possivelmente, muitos não reconhecem essas obras de arte, expostas pela cidade, como sendo do artista aqui pesquisado. Entretanto, a proximidade da arquitetura e do movimento da cidade, pela familiaridade imposta pelas relações cotidianas, termina por torná-las mais próximas da população, de forma tão verdadeira que não mais permitam uma percepção dessas expressões como obras de arte, mas sim mantendo-se no anonimato, já impregnadas no cotidiano da cidade e no íntimo dos próprios moradores.

3 – O RECONHECIMENTO DA ARTE AZULEJAR DE ATHOS BULCÃO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE DE BRASÍLIA/DF

Para atender a fase exploratória da pesquisa, foi considerada a técnica metodológica de investigação por questionário, do tipo estruturado, com perguntas abertas e fechadas, que foram preenchidos pelos moradores de diversas regiões administrativas de Brasília. Assim, foi adotada a amostragem não-probabilística intencional, com impressão dos questionários e abordagem de 44 moradores de variadas regiões, situados em alguns dos principais atrativos turísticos da cidade, atrativos esses onde também se pode encontrar obras de Athos Bulcão.

Nessa primeira parte de identificação do perfil dos participantes, foram considerados pontos representativos relacionados a sua caracterização, tais como gênero, faixa etária, escolaridade e região administrativa que reside, importantes para contribuir na problemática levantada.

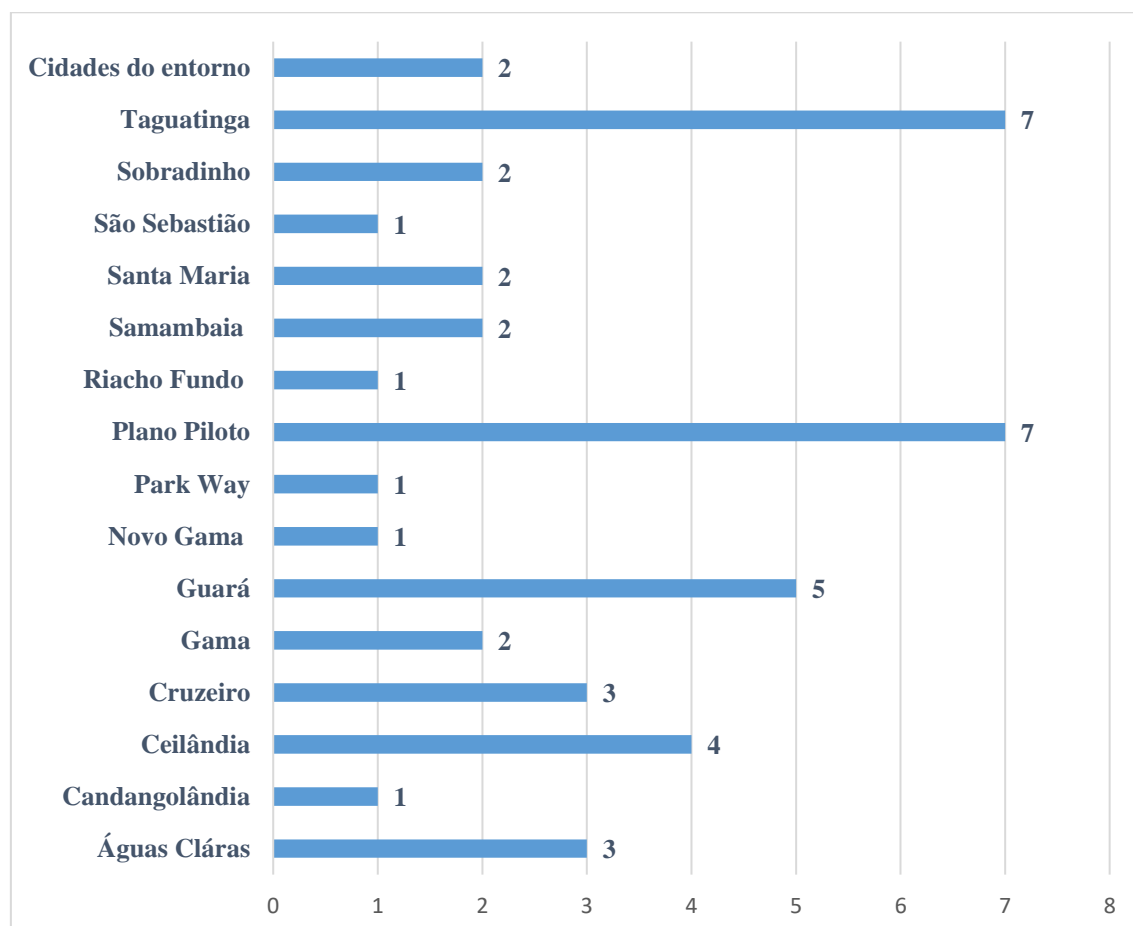
Dos 44 questionários respondidos, pôde-se identificar que 52% se definem como do gênero feminino e 48% como do gênero masculino. A faixa etária dos participantes está definida em sua maioria entre 19 a 25 anos (41%) e 26 a 35 anos (36%). Na identificação do perfil social, também merece destaque a escolaridade dos participantes, o que poderá contribuir futuramente para a elaboração e implantação de projetos de conscientização e educação patrimonial sobre as obras de Athos Bulcão. Assim, identificou-se que a maioria dos participantes se encontra com a formação superior incompleta (18 respostas), seguida de 9 participantes com formação superior completa. Tal informação indica que a maioria dos participantes seriam capazes de conhecer sobre o artista e reconhecer suas obras como patrimônio cultural.

Também foi identificado pela pesquisa a área de atuação profissional ou de estudos dos participantes, para melhor entender a atuação da maioria deles, e se tinha alguma relação ou familiaridade com a arte ou a área da educação. Assim, foi observado que a maior parte dos participantes são estudantes (16 respostas), 11 da área da administração, 10 da área de ciências sociais aplicadas e apenas 4 da área da educação.

Ao considerar como proposta de pesquisa a análise sobre o reconhecimento da arte azulejar de Athos Bulcão, como patrimônio cultural da cidade de Brasília, pelos moradores das regiões administrativas, surgiu a necessidade principal de selecionar, como participantes dessa pesquisa, moradores que residem nessas regiões. Acredita-se significativa a amostra alcançada pela pesquisa, já que o pesquisador conseguiu abordar um número significativo de moradores da região administrativa de Taguatinga (7 participantes), Guará (5 participantes) e Ceilândia (4

participantes). Faz-se também presente nas respostas, moradores do Cruzeiro (3 participantes), Águas Claras (3 participantes) e até duas cidades do entorno de Brasília (2 participantes), conforme gráfico a seguir.

Gráfico 1: Regiões administrativas de Brasília/DF alcançadas pela pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir da pesquisa de campo (2018).

O número alto de moradores da RA I: Plano Piloto (7 participantes) se justifica, tendo em vista a realização das abordagens terem sido em locais próprios do Plano Piloto, atrativos turísticos onde se podem encontrar instaladas algumas obras do artista.

Nesse sentido, pode-se reconhecer que a abordagem alcançada pela pesquisa, atende a proposta de se verificar em que medida os moradores das regiões administrativas de Brasília reconhecem a arte azulejar de Athos Bulcão como patrimônio cultural da cidade.

Com o propósito de identificar se os participantes já tiveram algum contato anterior com as obras de Athos Bulcão, buscou-se perguntar “Quais desses locais você já esteve ou vai

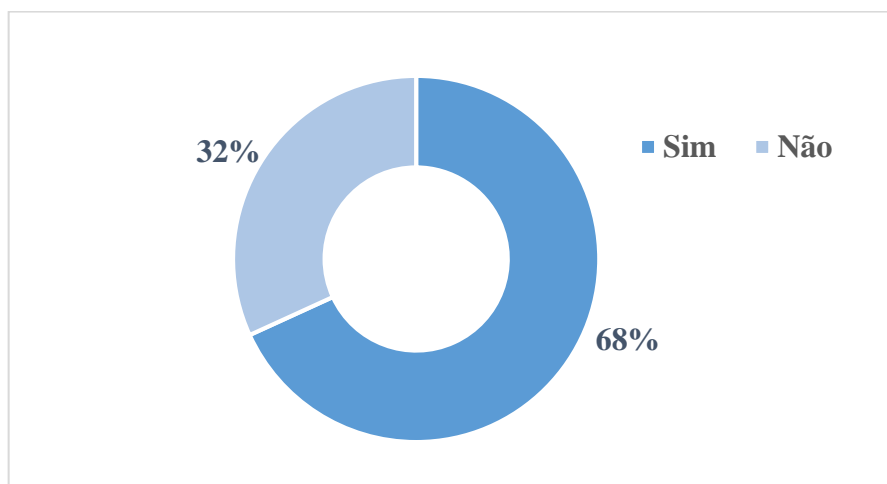
frequentemente? ”. Com essa questão, pode-se reconhecer se as obras do artista estão presentes no cotidiano dos participantes da pesquisa, para posteriormente identificar se eles as reconhecem enquanto obras de arte.

Os principais lugares identificados foram: o Aeroporto Internacional de Brasília (37 participantes), onde se encontram alguns painéis em azulejos do artista; o Parque da Cidade Sarah Kubitschek (36 participantes), onde as paradas de descanso são ornadas com azulejos do artista (ver Figura 1); o Congresso Nacional e a Catedral Metropolitana de Brasília (30 participantes cada um), onde também pode ser observado painéis e pinturas de Athos Bulcão.

Relacionada com essa primeira questão, fez-se necessário uma segunda questão que aproximasse os participantes ao artista. Assim, utilizou-se a questão: “Você conhece Athos Bulcão?”.

Conforme as respostas adquiridas e representadas pelo Gráfico 2, 68% dos participantes afirmaram conhecer o artista. Nesse sentido, acredita-se que o quantitativo de 32%, dos que responderam não conhecer Athos Bulcão, é um valor bastante significativo, o que indica a importância de se pensar futuras ações de conscientização e educação patrimonial, as quais envolvam o artista e suas obras, tendo em vista serem obras reconhecidas e tombadas pelo Governo do Distrito Federal como patrimônio cultural da cidade, tal como já apresentado.

Gráfico 2: Identificação se os participantes conhecem o artista Athos Bulcão.



Fonte: Elaborado pelo autor, a partir da pesquisa de campo (2018).

Como o patrimônio cultural, de certo modo, está inserido no processo de formação das pessoas por meio da cultura apreendida e vivenciada, que se ampliou para dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado histórico comum, conforme Choay (2001), torna-se necessário trabalhar com essa porcentagem populacional do Distrito Federal, a fim de valorizar e reconhecer as artes como um patrimônio cultural.

Para complementar a análise, fez-se o cruzamento dos dados referentes à “escolaridade dos participantes” e a questão sobre o “conhecer Athos Bulcão”.

Apensar de o grau de escolaridade dos participantes serem a partir do 2º grau, um número significativo dos participantes informou não conhecer o artista e suas obras (14 dos 44 participantes), o que indica uma necessidade de se promover mais atividades de conscientização e educação patrimonial sobre o mesmo.

Para reforçar a questão sobre “conhecer o artista”, foi apresentado também a pergunta “Já viu alguma obra dele? ”, que permitiu identificar se os participantes realmente possuíam tal conhecimento, de forma que eles pudessem apontar ou identificar alguma obra. A diferença, em relação à resposta anterior, foi apenas de 5%. Entretanto, o pesquisador ainda considera o quantitativo de quem não conhece o artista bastante alto.

Por meio da pesquisa identifica-se que a obra que mais se destaca é a arte em azulejos presente na Igreja Nossa Senhora de Fátima, ou mais conhecida como Igrejinha da 307/308 Sul (ver Figura 3), considerada pela FundAthos (2018) como o primeiro templo religioso em alvenaria construído em Brasília, inaugurada em 28 de junho de 1958.

Quando questionados se consideram as obras de Athos Bulcão importantes, 80% dos participantes responderam nos questionários que sim, são importantes, e 20% responderam que não. Aos que responderam “não”, as justificativas apresentadas retomam o posicionamento anterior, de não conhecerem o artista.

Assim, a partir das análises aqui pontuadas, identifica-se, por parte dos participantes, uma não compreensão do verdadeiro sentido do termo patrimônio cultural e uma desvalorização da arte de Athos Bulcão enquanto patrimônio tombado no Distrito Federal brasileiro. Há um enfraquecimento da ideia. Não representando, em sua essência, a categoria de pensamento que é: importante para a vida social e mental de uma coletividade humana, conforme preconiza Gonçalves (2009). Para o autor, o sentido de patrimônio vai muito além de apenas simbolizar,

representar ou comunicar, mas também para a prática cotidiana, por fazer “mediação sensível entre os seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições” (GONÇALVES, 2009, p. 31).

4 – PROPOSTAS DE VALORIZAÇÃO E APROPRIAÇÃO DA ARTE AZULEJAR DE ATHOS BULÇÃO ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL

156

Com base nas análises aqui apresentadas, buscou-se realizar nessa parte do trabalho uma abordagem teórica das possíveis propostas de apropriação e valorização da arte azulejar de Athos Bulcão enquanto patrimônio cultural da cidade de Brasília, tal como uma possível devolutiva para a comunidade, sugerindo, assim, a elaboração de projetos de conscientização e educação patrimonial ou de interpretação do patrimônio, que contribuam para uma *práxis* transformadora.

Sugere-se a educação patrimonial, nessa pesquisa, como uma atividade mediadora da relação sujeito-patrimônio. Ao se promover o contato, a socialização e a apropriação do patrimônio pelo sujeito, contribui-se para uma produção de prática educativa do ser humano. Trata-se de uma “dinâmica de apropriação das objetivações”, como apresenta Martins (2004), ou seja, do sujeito imerso e em contato com o patrimônio, interagindo com este, em um projeto intencional de cultura, que permite a apropriação do patrimônio observado e interagido.

Tendo como base os apontamentos de Martins (2004, p. 55):

Consideremos, de partida, que a educação é um processo que não pode ser eliminado do desenvolvimento humano e uma das condições pelas quais o ser humano adquire seus atributos fundamentais ao longo do processo histórico social (...). A dinâmica apropriação-objetivação ocorre sempre em condições que são históricas, e, dessa forma, para que os indivíduos se objetivem como seres humanos, é preciso que se insiram na História.

Educar-se patrimonialmente, portanto, é adquirir os atributos humanos, que são, por sua vez, construções históricas, relacionadas ao patrimônio, afinal o ser humano não se faz naturalmente isolado, mas em processo coletivo, por ações e interações intencionais, por escolhas socialmente promovidas pelo contexto histórico o qual está inserido.

As abordagens teóricas a respeito da interpretação patrimonial apresentam-na como uma das formas de valorização dos bens patrimoniais, representativos historicamente para uma

população de uma certa localidade, sendo que o desafio maior é “ensinar” ao sujeito que entra em contato com tal patrimônio, por meio de informações históricas, seu valor, mais do que um objeto de mera contemplação, e sim um meio de conhecer a cultura e a identidade de um povo, a partir da percepção do bem tombado (TILDEN, 1977; BECK & CABLE, 1998). Tal atividade interpretativa pode assim revelar significados e relações por meio de objetos originais da experiência direta e/ ou por meios ilustrativos.

Da mesma forma, Meneses (2006) coloca que interpretar um patrimônio é torná-lo atrativo para outros conhecerem, e deve, portanto, estar fundamentado em três eixos: (i) associar a interpretação ao fazer cotidiano e a vivência da comunidade; (ii) harmonizar os serviços da interpretação à realidade local; e (iii) não dissociar a interpretação da identidade e das tradições.

O resultado dessas iniciativas, então, possibilitaria a identificação do patrimônio como o principal recurso para o desenvolvimento de um reconhecimento dos moradores de Brasília para com a história local da construção da cidade, elencando a importância das contribuições da arte de Athos Bulcão para o contexto histórico e arquitetônico da Capital Federal.

A proposta, assim, vem pautar um debate que não apresente um viés apenas teórico de fala, vinculado a uma lógica avaliativa externa e produtivista. Mas sim, um vínculo entre teoria e prática, ousadia e criatividade. Objetiva uma proposta de *práxis*⁵ transformadora relacionada ao patrimônio cultural, referente à arte azulejar de Athos Bulcão, como importante elemento histórico para a construção de Brasília/DF.

CONSIDERAÇÕES

Sendo o patrimônio cultural vínculos sociais identitários com o lugar, que envolvem a realização da vida cotidiana, em diferentes escalas, o presente trabalho sugere como uma forma de preservação e valorização das obras de Athos Bulcão, enquanto vínculos identitários da construção de Brasília/DF, Capital Federal brasileira.

Ao final das abordagens apresentadas pelo artigo, por observar um enfraquecimento do sentido e valorização da arte de Athos Bulcão como patrimônio cultural de Brasília/DF, por

⁵ Com este termo, que é a transcrição da palavra grega que significa ação, a terminologia marxista designa o conjunto de relações de produção e trabalho, que constituem a estrutura social, e a ação transformadora que a revolução deve exercer sobre tais relações (ABBAGNANO, 1998, p. 128).

parte dos participantes, o pesquisador propõe uma necessária construção emergencial de projetos de conscientização, interpretação e educação patrimonial sobre a arte azulejar de Athos Bulcão, envolvendo os moradores das regiões administrativas de toda a Capital. Faz-se, também importante e necessária, a intensificação da atuação, de forma mais direta, dos órgãos públicos, responsáveis pelo processo de tombamento das obras do artista, e uma relação mais ativa da Fundação Athos Bulcão, para com a sociedade, a fim de promover um movimento de divulgação, valorização e preservação dessas tão significativas obras para Brasília/DF.

Durante a construção da pesquisa, pontuou-se a necessidade de se aprofundar mais nas respostas abertas coletadas pelo questionário aplicado. Um conteúdo muito rico foi adquirido e que pode ser explorado futuramente. Assim, considera-se relevante a realização de uma futura pesquisa, a fim de se observar como os moradores percebem e interpretam a arte azulejar do artista. Será ela considerada pelos moradores das regiões administrativas uma “arte de elite”? Uma arte que não se iguala ao nível social mais presente nas regiões administrativas? Ou ela apenas representa a identidade de uma “classe alta” que reside na RA I: Plano Piloto de Brasília?

Outro ponto que merece destaque e que possibilitará a construção de uma outra pesquisa é a relação política do artista, presente durante a construção da capital federal, já que se pode considerar que o artista foi convidado por Oscar Niemeyer e pelo próprio presidente Juscelino Kubitschek (Presidente da República entre 1956 e 1961) para contribuir no embelezamento da nova capital. Athos Bulcão participou ativamente durante o período de início da Ditadura Militar, dentro da própria Universidade de Brasília, como artista e professor.

Nesse sentido, entende-se não finalizadas as abordagens aqui apresentadas. O pesquisador reconhece que uma pesquisa sempre deixa novos percursos, outras perguntas não respondidas, que incentivem a contínua investigação científica.

IN MEMORIAM

O descaso ao patrimônio cultural e artístico brasileiro é registrado por tristes acontecimentos que ferem a memória e a história do país. Incêndios de grandes proporções atingiram, no decorrer de décadas, importantes instituições brasileiras que incluem: o **Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ)**, em 8 de julho de 1978; o **Museu da Língua Portuguesa**, no prédio da Estação da Luz, região central da cidade de São Paulo (SP), em 21

de dezembro de 2015; e o **Museu Nacional**, na Quinta da Boa Vista, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro (RJ), em 2 de setembro do ano de 2018.

Lutemos contra essas chamadas do abandono de nosso patrimônio cultural e artístico. São chamadas que carregam a violência histórica da imposição de uma ideia hegemônica de cultura, como instrumento de dominação e poder. Compete-nos, assim, o exercício de mantermos uma consciência crítica, histórica e artística, associada a ações de preservação e valorização de nosso patrimônio cultural e artístico.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1998.

BECK, L.; CABLE, T. **Interpretation for the 21st century: fifteen guiding principles for interpreting nature and culture**. Champaign Sagamore, 1998.

Decreto Nº31.067, de 23 de novembro de 2009: Dispõe sobre o tombamento da Obra de Athos Bulcão e dá outras providências. Diário Oficial do Distrito Federal. Nº 226, terça-feira, 24 de novembro de 2009 (pp. 19-25). Disponível em: <http://www.dodf.df.gov.br/index/visualizar-arquivo/?pasta=2009/11_Novembro/DODF%20226%2024-11-2009&arquivo=DODF%20226%2024-11-2009%20SECAO1.pdf>. Acessado em: 30 set. 2018.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 4.ed. Editora Unesp: São Paulo, 2001.

FARIAS, Agnaldo. Athos Bulcão: O inventor Discreto. In: **Ensaio Teórico apresentado no VI Fórum Brasília de Artes Visuais**: Brasília, 2008.

FREITAS, Grace Maria Machado de. Athos Bulcão, extra-muros e intra-muros: artista-capital. In: **VI Fórum Brasília de Artes Visuais**: Brasília, 2008.

FUNDATHOS. Fundação Athos Bulcão. **Brasília, Distrito Federal Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.fundathos.org.br>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Regina Abreu & Mário Chagas (Org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

HERKENHOFF, Paulo. **Apresentação da exposição individual Pinturas, Máscaras e Objetos**. Espaço Capital, Brasília e Galeria Saramenha. Rio de Janeiro, 1987.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 4 ago. 2019.

160

IPHAN. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Número 34/2012. História do Patrimônio. Organização: Márcia Chuva. Brasília: Ministério da Cultura, 2012.
LIMA,

MARTINS, Lígia Márcia. Da formação humana em Marx à crítica das pedagogias das competências. In: DUARTE, N. (Org.). **Fetichismo da individualidade**. Campinas: Autores Associados, 2004.

MENESES, J. N. C. **História & turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MORETZSOHN, Carmem. **Habitante do silêncio em Brasília**. Entrevista concedida por Athos Bulcão ao Jornal de Brasília, publicada no dia 2 de julho de 1998.

Observatório do Turismo do Distrito Federal. **Perfil e fluxo de turistas**. Disponível em: <<http://www.observatorioturismo.df.gov.br/>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

Ofício Nº107/2008. Secretaria de Estado de Cultura do Governo do Distrito Federal. Tombamento da Obra de Athos Bulcão. Governo do Distrito Federal: Brasília, 2008.

PORTO, Cláudia Estrela. Quando arte e arquitetura se mesclam: a obra de Athos Bulcão e Lelé. In: **VII Fórum Brasília de Artes Visuais. Arte e arquitetura: Balanço e Novas Direções**. Brasília, 2010.

SILVA, Fernando Pedro da. **Arte Pública: diálogo com as comunidades**. Editora Arte: Belo Horizonte, 2005.

TILDEN, F. **Interpreting our heritage**. 3. ed. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1977.